

O ÉXODO RURAL: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS E SUAS FORMAS DE REDUÇÃO.

Conversa para a 1ª Conferência geral de reflexão da AOFISS "Só juntos é que podemos caminhar".

Bissau 16 a 17 de Março 2002.

O éxodo rural é um fenómeno planetário, não só a nível de Suzana ou da Guiné Bissau... Geralmente trata-se de sair dum meio ambiente que se julga difícil para passar a outro meio ambiente, normalmente citadino ou sub-urbano, em que se pensa que as dificuldades poderão mais facilmente encontrar solução. O que dá origem a centros urbanos despropositados...

Para falar em Bissau: é uma cidade pequena, mas absorve quase o 40% da população da Guiné, nela está concentrada a totalidade ou quase do que diz abastecimentos vindos do estrangeiro, decisões políticas e administrativas e serviços; não produz quase nada (criminalidade é que sim) e faz aumentar as importações do estrangeiro, enquanto empobrece a estrutura produtiva do interior, do campo.

Mas porquê a gente sai do campo e dirige-se para a cidade?

Há duas ordens de problemas e de dificuldades que tornam difícil a vida no campo:

- 1 uma série de dificuldades de ordem material
- 2 uma série de dificuldades de ordem mais interior ou cultural

Em vez de fazer uma simples lista das dificuldades, é bem dar-mos um passo atrás para ver, na situação da área de Suzana, como a fuga para fora do próprio meio ambiente teve origem. Isso ajudar-nos-á também a encontrar o caminho para efectuar uma inversão de tendência.

Até umas dezenas de anos atrás a sociedade Felup vivia segundo um calendário de actividades perfeitamente colaudado pela experiência e pela tradição, dentro dum quadro de economia de subsistência e na ausência do próprio dinheiro, julgado até desnecessário.

A sucessão do calendário encontrava sempre toda a gente presente no território:

No tempo da chuva, todos ao trabalho;

no tempo seco, o homem no mato a furar vinho de palma, os jovens num lugar determinado ao pé da bolanha, com os rapazinhos, com jogos, aprendizagem da luta e de outras actividades, sempre disponíveis para os recados; mulheres e meninas às mãos com os trabalhos de subsistência e de manutenção do dia a dia: sal, lenha, desbravagem do mato, com bailes e festas periódicas, etc.

Não havia outras necessidades, o mundo conhecido acabava muito perto da própria tabanca e havia equilíbrio, harmonia.

Ao longo dos anos apareceram mais contactos com o exterior, além de novidades que se fixaram no próprio terreno. Por exemplo a escola. Houve primeiro resistência dos grandes, a vários níveis, mas entrou, para rapazes e jovens primeiro, as meninas ficaram fora e... começou o biyass, a migração delas. Lembro-me duma conversa entre Pe. Marmugi e Jijua. Ele queria que as bajudas fossem à escola, não ao biyass, onde não tinham possibilidade de instrução, eram exploradas, e de onde começavam a voltar com barriga, e ela respondia: "Mas trazem lenços!"...

Os anos setenta foram anos de seca, a colheita diminuiu e impôs-se a necessidade de não gastar arroz no tempo seco e até de comprar arroz na loja. Já se precisava de dinheiro numa certa quantidade, não só para pagar imposto, mas também para compra do arroz necessário... e foi a corrida para o biyass e, durante a ocupação portuguesa, ainda para tropa e milícia (1972 e a observação de Pe. Marmugi ao regressar das férias:"...mas aqui desapareceram todos, não há mais ninguém em Suzana!").

O pessoal saía cada vez mais cedo e voltava cada vez mais tarde. Abandonou-se o "epokul âi" e os demais trabalhos de manutenção das bolanhas que passaram a dar sempre menos. Encontrou-se mais uma entrada no comércio da castanha do cajú, mas isso já não requeria muito trabalho e dava arroz. Também havia possibilidade de encontrar trabalho a Bissau até à independência e por mais alguns anos no Senegal e no Gâmbia.

A migração e a escola deram a entender que havia outros moldes de vida e começou-se a olhar para fora, não só, mas também a ficar fora. Com a independência abriram-se as estradas e tornou-se mais fácil viajar e contactar outras realidades: escola, hospital, dinheiro, divertimentos, outra maneira de viver, "casamento" diferente do felup, mais livre; possibilidade de fugir, ficando fora, os eventuais "castigos" que os grandes poderiam infligir.... enfim, o que podemos chamar com uma palavra "modernidade", compreendendo o que tem de positivo como de negativo.

Aqui não se deve esquecer também o papel jogado pela presença da missão católica. Quando os primeiros cristãos empreenderam um novo género de vida, a tabanca tentou trava-los com todos os meios. Também se disse que morreriam, ou morreriam os filhos e não deviam nascer outros; o que não aconteceu, com todas as consequências que de lá vieram.... Mais ainda, a escola identificava-se com a missão, no começo, e a mentalidade nossa era de abrir caminhos, sem menosprezar o que vinha da tradição. Contudo a oposição que houve, como era natural que houvesse, trazia a necessidade de fazer comparações... e a autoridade dos grandes nem sempre ficou a ganhar.

Mas aqui já estamos a entrar no discurso das dificuldades de ordem mais "cultural" que favoreceram o "sair para fora" do meio ambiente felup, à procura de novo género de vida na cidade.

A cultura felup, entendida como património de valores, intuições, soluções de problemas, etc., é positiva, mas, como é natural, é virada mais para a conservação do que para o desenvolvimento, para a defesa mais do que para o diálogo.

Há razões históricas geográficas e políticas que justificam a necessidade de defesa e até de desconfiança (é só ver como era feita a casa felup: uma autêntica fortaleza...)

Não é que esta cultura não tenha também aberturas: por exemplo importou certos tipos de culturas e produtos, a criação de determinados animais, etc.... Com suas leis incentivou a criação de bolanhas novas, (garantindo sua propriedade a quem as começaria e aos filhos dele), mas o que mais valeu foi sempre salvar o quadro e os valores de referência: a terra, a família, os "ukin âu", o ritmo das actividades, das cerimónias e festas que, entre outros aspectos têm também o de celebração e homenagem aos anciãos e lhes garantem o sustento como sendo uma forma de "seguro" e de "reforma"...

Do mesmo modo as alianças entre tabancas garante um equilíbrio de forças e uma paz mais ou menos harmónica.

Os anciãos se encontram agora confrontados com o que chamamos de "modernidade".

Num primeiro momento a reacção foi uma tentativa de rejeição e de defesa, fiéis ao princípio segundo o qual ninguém deve ter ou ser mais do que os outros, e tentaram continuar a nivelar para baixo e para trás. Esta fase de rejeição ainda não passou, pelo menos em alguns.

E então quem se torna diferente, quem foge para frente ou sobressai acima dos outros vem a ser alvo de represálias, circulava e circula o veneno, aparecem recados intimidatórios através do "kasaab aku", até infringem-se as próprias leis tradicionais, na tentativa de travar o caminho.

Uns exemplos, rápidos, que trago sem julgar, só descrevo o que vi e ouvi sem dar culpa nem razão e sem expressar avaliações:

-Eossor no fim dos anos setenta: durante um certo período, a cada semana houve choro de algum jovem..... e os jovens se foram embora, até acabou a escola por falta de alunos;

- Bujim e a conversa das alianças: um polícia ou segurança não pode perseguir suspeitos pertencentes a uma tabanca aliada da sua: e é expulsado, a casa é abatida;

-Suzana e o convite feito a outras tabancas para matarem os primeiros cristãos: eles não fariam guerra, como em vez deveria ser segundo a tradição...

- Suzana e o que foi mandado arrancar arroz que acabava de ser transplantado numa bolanha até "resgatada" pelo proprietário....

Eu não estou julgando, até digo que os grandes têm razão de se preocuparem, porque vêem que o povo já não é o mesmo, a tabanca já não é como a herdaram de seus pais, e nem sempre conseguem entender à primeira se evoluiu para melhor ou para pior. O que eles vêem imediatamente é pelo menos o seguinte:

1 desaparece progressivamente a referência ao "bakin" (que para eles é substancial) nos momentos da vida agrícola, civil e familiar, entrando uma ideia mais "laica" da vida e do trabalho; o que para eles não tem sentido;

2 as mulheres que trocam o "erunun âi" para o hospital, e desaparecem os "tabús" que rodeiam a vida no seu nascer, como também a possibilidade de os mandar observar

3 desmoronou a instituição do matrimónio e alastram as uniões livres e momentâneas, com o enfraquecimento da identidade que se transmite à nova geração felup

4 o abandono da lavoura e a falta sempre maior de braços na agricultura: só se vêem idosos a lavrar.... e era o que sempre garantiu o sustento, até identificava o próprio felup;

5 a perspectiva de uma velhice sem sustento nem honra....

Claro que tudo isto traz mau estar e conflito entre as gerações, com aperto por parte dos velhos e fuga por parte dos novos: assim são cada vez mais os que saem e cada vez menos os que voltam. Contam-se nos dedos duma mão os casamentos de jovens que constroem sua casa na tabanca... e nesta altura é uma alegria para os anciãos, que vêem nisto um futuro.

Os quais anciãos desde algum tempo começaram a aceitar umas coisas que já não podem impedir: sentem-se ultrapassado; nem todos: uns mais abertos estão entendendo; o que dá esperanças para um futuro um bocado diferente, com mais possibilidade de diálogo.

Qual é então a situação actual? Houve um conflito que despovoou Bissau e fez voltar para o interior uma grande quantidade de gente. Nem todos regressaram a Bissau, uns ficaram no interior.

Ao mesmo tempo há menos perspectivas de trabalho nos centros urbanos:

em Bissau a economia ainda não descola; em Gâmbia há crise, no Senegal as coisas não correm muito melhor e até há medo de passar pela Casamance.

Parece chegado o momento de encarar a hipótese de melhorar as condições de vida e de actividade no próprio meio ambiente em que se nasceu sem olhar só para fora. O que pode ser feito a pequenos passos e em certas condições.

Há, no terreno, fenómenos positivos e sinais de abertura; eu dou só alguns exemplos, existem outros, devem-se detectar (é trabalho de todos que deve continuar) e recolher, para esboçar como que um mapa de possíveis intervenções e reforços.

Eu vou descrevendo o que vejo de mais perto; outros poderão e deverão completar com outras observações.

Quanto a mim, o que vejo mais de perto é o que acontece na comunidade cristã a este respeito. Por exemplo:

- foram superadas as antigas inimizades e relativizadas as respectivas alianças: o que dá o não arrebentar de guerras entre tabancas com todos os feitos negativos que trariam;

- tenta-se actuar um nivelamento para frente e para cima. Explico: há bocado dizíamos que na cultura felup ninguém pode ser ou ter mais do que outros, e então há uma mortificação das potencialidades de cada um, com medo de represálias e até de morte; na cultura cristã em vez cada um tem que desenvolver tudo o que recebeu para o pôr a serviço dos que receberam menos, e assim todos podem ser e ter mais...

- neste contexto actua a "Cáritas" paroquial, estimulando a entre-ajuda...

- a iniciativa de apoiar o auto-financiamento das aulas extraordinárias, com a resposta coral das tabancas: 17 em 21 escolas da área entraram no projecto e estão conseguindo juntar dinheiro com continuidade; garantem assim a escola primária a seus filhos; umas tabancas até empreenderam a construção da própria escola: uma conquista!

- através das iniciativas da promoção feminina (como de umas ONGs também), as mulheres se tornaram protagonistas do desenvolvimento e da mudança do meio ambiente

E val a pena de sublinhar o que as mulheres, de maneira particular as mulheres novas, estão fazendo:

passaram em grande parte do "eruñun ãi" para o hospital

num certo número engajaram-se na alfabetização, recuperando as oportunidades perdidas quando meninas;

empreenderam a cultura de cebolas, tomates e outros produtos que vendem para fora

fazem conservas dos mesmos produtos para integrar a alimentação

envolveram-se em actividades de tinturaria e outras

mas o que mais interessa é que estão fazendo isso em conjunto. As cooperativas que com os homens não conseguiram arrancar, vão agora para frente com as mulheres.

Pode-se dizer que isso tudo já representa uma mudança e um aparecimento de perspectivas novas, que os anciãos até assumem ou pelo menos não contrariam, o que encoraja a fixação e o trabalho no meio ambiente, desde que se verifiquem umas condições que val a pena apontar.

Como já dizia nuns apontamentos que escrevi no princípio da reconstrução depois do conflito, para que se possa verificar uma fixação no interior devem ser criadas, principalmente pelos serviços do Estado, condições mínimas de

- segurança higiênico-sanitária: postos de saúde melhor funcionantes, hospital melhor apetrechado, mais facilidade de comunicar e de encontrar socorros; pontos de água, especialmente com referência a Elia e Jobel;

- segurança educacional: escolas funcionantes, indo ao encontro das próprias iniciativas do povo. Providenciar apetrechos para ensino, visto que o povo já constroi em larga parte os próprios edifícios; anos lectivo seguidos, sem interrupções; incentivos aos docentes para que se desloquem no interior; (por nossa parte encorajar os nossos professores a trabalharem no nosso meio); apoio para os que optam para a paridade de chances a filhos e filhas; apoio à alfabetização dos adultos, especialmente mulheres...;

reforçar a presença do liceu e criar outros percursos escolares da escola secundária mais aptos para desenvolver o meio ambiente (agronomia, artes e ofícios etc.)....

-ligação com o resto do mundo: estradas e jangadas para escoamento dos produtos, correio, informações, telefones

-segurança "legal": serviços funcionantes e descentrados de registo civil, de administração pública e de justiça, com divulgação clara de leis, direitos e deveres, favorecendo uma educação cívica quase inexistente (com sobreposição de leis do estado e de tradições locais que entram em conflito); garantir de maneira equitativa a propriedade da terra....

- segurança "financeira": bancos acessíveis e funcionantes, com possibilidade de microfinanciamentos para as actividades a empreender, especialmente a nível de recuperação de bolanhas, de hortas e de transformação dos produtos.

Por parte de outras entidades (como ONGs etc.) deveria haver o cuidado de favorecer e apoiar iniciativas não só para a produção, mas também para a transformação e comercialização dos produtos agrícolas ou de hortas, com pequenas fábricas a nível local que absorvam os produtos e os possam colocar no mercado transformados.

Por parte dos próprios filhos de Suzana deve haver:

-coragem e realismo em enfrentar as dificuldades que sempre há quando se começa algo de novo ou em moldes novos;

- abertura à colaboração, articulando as intervenções e as iniciativas de forma a harmonizar os esforços: é como quando cada qual faz seu pedaço de ourique e o liga com o pedaço do seu irmão: conseguem fazer quilómetros e resgatar terrenos que sozinhos nem pensar. Para isso é ultrapassar o individualismo que existe em todo homem e também no Felup, para trabalhar em conjunto quer na programação, quer na realização do próprio trabalho.

- abertura à colaboração com todas as pessoas, forças e entidades presentes no terreno, ajudando a ultrapassar desconfiança e medo que podem vir de longe, sem cair em conflitos de raça, de parentesco ou de interesses: trata-se de cuidar também da boa imagem de Suzana e dos Felupes. Aliás, o viver anos em contacto, na praça, com irmãos de outras etnias da Guiné, deveria favorecer o diálogo e a colaboração em qualquer ambiente.

(Nos anos passados, no meu regresso da Itália, não gostei mesmo de ouvir falar desde longe de conflitos raciais em Suzana "entre Felupes e Fulas". Aqui também não julgo e não falo de

razão ou de culpa: só digo que vozes deste tipo não fazem bem a Suzana e à imagem dos que lá vivem, pelo que val a pena de fazer os possíveis para que não surjam mais);

- abertura e compreensão para com os anciãos, merecendo sua confiança; confiança que acho que haverá quando repararem que vocês os respeitam, os amparam economicamente e são sérios e responsáveis na sua vida e nos seus empreendimentos: afinal são um povo que vive em moldes diferentes dos antigos, mas com valores que os antigos aprovavam.

Quanto ao que fazer tecnicamente, já apontei algo cá acima, falando em recuperação de bolanhas, em hortas, etc. Poderíamos falar em actividades produtivas novas ou em prolongação e reforço dumhas existentes (mel de abelhas, secagem de peixe etc.); iniciativas de transformação dos produtos com pequenas fábricas que absorvem a produção local e rede de escoamento e comercialização; eventualmente tecelagem e artesanato....

Mas aqui deve trabalhar a fantasia e a iniciativa das pessoas que se querem lançar, aproveitando também a experiência de quem já está trabalhando no terreno e as sugestões que vêm de outras experiências em chão africano. O que não deveria faltar é o respeito dos ritmos de produção e de reprodução (ex. não a um aproveitamento insensato das ostras, etc...), como também o respeito dos produtos que entram no consumo periódico da tradição (em certas festas religiosas, por exemplo) de forma a que as novas iniciativas sejam aceites e integradas no ritmo de vida da própria população, sem desequilíbrios.